

7. Últimas palavras-relação ou "todo carnaval tem seu fim"¹

Outra fruição (outras margens): ela consiste em despolitizar o que é aparentemente político, e em politizar o que aparentemente não o é - Mas não, vejamos, a gente politiza o que deve ser politizado e é tudo" - Roland Barthes, O prazer o texto

Depois da apresentação à banca de qualificação, em dezembro de 2014, retomamos a discussão sobre o formato de meu texto em nosso grupo de *Whatsapp*. Caroline Vieira indicou que concordava com algumas das considerações feitas, como a indicação de que o texto inicial estava longo demais, mas tivera a esperança de que nosso novo formato fosse aceito, indicando, como Heberton fizera anteriormente, que a aprovação de meu texto seria, na verdade, uma aprovação nossa, a aprovação do trabalho do grupo. Considerando que o excesso de detalhes no texto inicial estava relacionado à minha vontade de democratizar sua leitura, Heberton trouxe o tema da existência ou não de "PhDeuses" para a discussão. Disse que, ao comentar com uma amiga (também minha ex-aluna) que estava colaborando com uma tese e que eu era a doutoranda, ouviu em resposta: "nossa, como assim tá ajudando ela, ela é muito mais inteligente do que a gente". Ele não acreditava nessa postura, mas disse que podia indicar "pelo menos dez pessoas" que pensavam assim. Vieira gravou, então, um áudio dizendo que esperava que nosso intercâmbio pudesse continuar, talvez, sob a forma de um projeto em que os *puzzles* que ainda tínhamos pudessem ser trabalhados, apesar do trabalho solitário que eu teria de fazer para reescrever-adaptar o texto.

Caroline Barqueta respondeu a esse áudio dizendo que não tinha a sensação de que estávamos ali apenas para produzir coisas que pudessem me ajudar na tese a ser defendida, "era também por isso, mas não só por isso". Ela entendia que, agora, não haveria mais a possibilidade de colaboração com meu texto, mas que isso não significava que tudo o que experimentamos perdera o valor ou que não pudéssemos manter o grupo ativo, contando nossos casos e trocando ideias. Vieira concordou com Barqueta, mas insistia no fato de que podia

¹ Referência a título de música do grupo Los Hermanos, lançada no álbum *Bloco do Eu Sozinho* (2001).

"ser mais que um grupo", poderia "surgir um 'projeto'". Eu tinha acabado de conversar com outra professora da UZN sobre a possibilidade de montarmos "um projeto de construção de teorias inovadoras anti-hegemônicas" e postei essa minha formulação no *Whatsapp*. Visualizava uma espécie de "academia paralela" ou "academia dentro da academia com a participação de pessoas de todos os níveis de escolaridade e a partir do interesse delas".

Barqueta perguntou, então: "Isso não nos enquadra ao conceito de escola? Uma escola, dentro da academia. Um grupo de pessoas que pensa em um assunto e discute sobre ele dentro da academia é chamado de escola". Ao que Vieira responde que não viu dessa forma. Em suas palavras: "Vi uma espécie de espaço aberto a todo nível de escolaridade". Barqueta chama essa iniciativa, então, de não escola. Jaime diz que teria interesse em ajudar e pergunta se essa ideia seria uma nova corrente de pensamento. Barqueta diz que "às vezes, somos tão acadêmicos quanto aquela galera, não sei. Hegemonia é algo instável gente, o Fairclough diz isso. Hegemonia é mutável. É subjetivo". Jaime diz que até concorda com Barqueta, mas acha "que a academia só vai 'dar atenção' se a anti-escola for uma escola". Seguem-se algumas discussões sobre essência: até que ponto estaríamos perdendo algo da essência de nosso trabalho ao nos adequarmos às expectativas acadêmicas?

Caroline Lilian conta, então, uma conversa que acabara de ter com um professor de inglês que dizia que, hoje em dia, "não se forma bons profissionais pq muitos estão mais preocupados em aprender as Teorias de Freire ao invés de se preocupar com o *past perfect*". Ela comenta que se revoltou com essa colocação, mas que, infelizmente, a ideia geral do ser professor no Brasil era essa, "vc deve se preocupar com o conteúdo em si, não com a forma como este está sendo passado. Por isso não formamos mais Freires, muito menos Saussures. Pq infelizmente aqui eles não recebem o valor que têm". Digo que vejo isso acontecer em todas as áreas, mas Lilian responde que acha "mais agravante quando acontece com uma pessoa q deveria ser incentivador do saber. De toda forma de saber".

Barqueta diz que pensa em escrever sobre isso no mestrado, sobre "a descolonização da subjetividade para levar a verdadeira independência de produção do conhecimento" indicando, no entanto, que esse assunto "era muito ambíguo" porque "ensinar é colonizar de certa forma". Lilian diz, então, que "nosso tipo de colonização eh o que mais se aproxima da imitação" e que

"ficamos esperando as novidades virem de fora. Pq quando vem de dentro não eh aceita. Eh isso que essa colonização faz conosco".

Desde então, o grupo segue discutindo essa proposta de não escola, compartilhando leituras mais ou menos acadêmicas, postando tudo o que lhes remete a nosso *puzzle* inicial e planejando atividades. Heberton, recentemente, contou-nos que recorreu a dois "médicos sem diploma" (sua avó e um colega seu que não sabem ler, nem escrever) para resolver problemas intestinais e que os dois indicaram chá de Espinheira Santa. Depois disso, encontrou uma postagem no *Facebook* sobre como cientistas haviam comprovado seus benefícios no tratamento de diversos problemas estomacais, indicando que havia até um interesse do SUS nessa planta.

A partir desse caso, ele, Vieira e Barqueta (que já defendeu sua monografia) começaram a planejar uma série de entrevistas gravadas com esses "médicos sem diploma", pensando sobre que perguntas farão, trocando referências de leitura sobre o tema e discutindo como será a luz, o enquadramento, dentre outras questões técnicas. Discutindo questões de produção desse conhecimento "sem diploma", chegam à conclusão de que, no fundo, tudo vem da sabedoria popular e Vieira diz: "acredito que o conhecimento é empírico mesmo, e com a vivência, as experiências e usando os recursos que o cercam acabam por descobrir a função desses recursos e talz... Muito bom!"

Enquanto isso, tive de me afastar por sete meses de qualquer tipo de interação com o grupo, à exceção dos momentos em que postei no *Facebook* o texto em que estava trabalhando para a defesa e de quando discuti com todos minha apresentação em Leeds. Tentei preservar o foco nesse relacionamento, mas, para relacionar-me com meus outros pares, os acadêmicos, apresentando as inovações a que me(nos) propunha(mos), tive de me dedicar a um longo, solitário e não colegiado trabalho de transposição e recontextualização de textos, baixando muito minhas expectativas metarreflexivas de trabalhar para entender a prática de escrita em si, enquanto a construía. Nesse sentido, tive de atuar como empoderadora, entextualmente, por mais que não acredite nesse posicionamento na prática de interação com meus colegas, recusando-me, no entanto, a simplesmente analisar as contribuições do grupo como dados. Tive, também, que usar diferentes recursos de distanciamento textual e formalização de conceitos e

argumentos, que nem sempre exemplificam minha proposta de língua-relação, mas, apenas, a sugerem teoricamente.

Penso que, no final do capítulo seis, já apresentei o que considero serem os pontos fortes e fracos deste trabalho, avaliando suas propostas. Portanto, gostaria de despedir-me dizendo, apenas, que sonhos tenho daqui para frente. Adianto que continuo sonhando alto. Sonho que, com a defesa desta tese, futuros mestrados e doutorandos em Linguística Aplicada e Prática Exploratória tenham a opção de, referindo-se a ela, entextualizar um ou mais dos seguintes recursos: a) dizer que se inserem em um paradigma qualitativo-participativo ampliado a partir de um olhar exploratório; b) dizer que estudam a língua-relação e, portanto, apresentarão suas pesquisas a partir de movimentos narrativo-reflexivos, inspirados por *puzzles* que os intrigam; c) relatar o percurso do trabalho que realizaram colaborativamente para entendê-lo e d) apresentar seus entendimentos coconstruídos como perguntas-análise abertas à interpretação de leitores não acadêmicos. Sonho que essas opções facilitem sua vida, ainda que não tenham facilitado muito a minha, já que, para justificar cada uma dessas inovações, tive de me afastar delas, negociando-as a partir de movimentos entextuais incoerentes com sua formulação. Sonho que minha habilidade de estabelecer a ponte entre o antigo e o novo tenha sido suficiente para que o novo vingue, mesmo que não da maneira como eu o propus que, certamente, ainda merecerá muito trabalho.

Entre mim, minha vida, meus entendimentos e esses sonhos, há uma distância (entextual) incrível.